

**Maria SOUSA GALITO *apud* SILVA, Maria Luísa (2011). Soluções para evitar causas e consequências da pobreza em Portugal. *Diário do Sul*, Sociedade, 10 Novembro, p. 11.**

**CI-CPRI**



- **Quais as causas e as consequências gerais da pobreza material?**

A pobreza é um fenómeno multidimensional. Na perspectiva socioeconómica, traduz incapacidade aquisitiva de bens e serviços, e a manutenção de um nível de vida mínimo que evite a exclusão social – daí a expressão “pobreza material”. A baixa produtividade gera desemprego e subsequente perda de rendimento. A corrupção, falhas de mercado (externalidades, concorrência imperfeita), impostos elevados, justiça parcial e lenta (vandalismo da propriedade; clientes ou fornecedores insatisfeitos não acreditam nas Instituições) ou discriminação sobre determinados indivíduos/grupos, gera emigração ou pior, marginalização, criminalidade, surgem os “sem abrigo”). Mas também pode levar a tumultos e motins, à revolta social.

- **Quais, no seu entender, as razões mais profundas que explicam a pobreza material, a exclusão e as desigualdades sociais em Portugal?**

Houve uma crise internacional que rebentou em 2008 e que ainda gera efeitos nalguns mercados. Todavia, os problemas nacionais são estruturais e específicos. Por exemplo, o valor dos salários está associado à produtividade que em Portugal é baixa, o que gera PIB baixo, pelo que há menos para distribuir. Curiosamente, os emigrantes costumam ter fama de grandes trabalhadores, desenrascados e criativos no estrangeiro. Portanto, ou o modelo é demasiado complexo e autofágico em Portugal (sistema de *cunhas e manhas*), ou são as pessoas que o corrompem ao não permitirem se a mentalidade dominante bloquear/invejar o sucesso alheio.

- **Em contexto de crise como aquela que se vive, haverá tendência para se agravarem as situações de pobreza, exclusão e desigualdades em Portugal?**

Sim, infelizmente.

- **Que soluções apontaria para evitar as causas e consequências da pobreza?**

União nacional, solidariedade social e crescimento económico. A pobreza material da população geral é minorada com produtividade e mais *PIB per capita* num modelo social transparente que promova a mobilidade social e a meritocracia. Para o conseguir? É preciso que a população se mova no sentido de o conseguir. Nas aldeias, nas vilas, nas cidades, nas igrejas, nas escolas... a solução está nas pessoas. Mais criatividade, empenho e trabalho, mais colaboração entre instituições públicas e sociedade civil, mais tolerância para com a diferença e solidariedade social, menos individualismo. Deve premiar-se o que é bom e útil, exigir responsabilidades ou mesmo punir quando há crime ou falta de escrúpulos. Se a Justiça não funcionar, não há Estado de Direito, apenas Democracia. E qualquer dia destes, nem isso.

- **Quando fala de Portugal e das Relações Económicas entre os Países de Língua Oficial portuguesa refere o espaço alargado da lusofonia como uma janela de oportunidades. Será esta uma alternativa à visão de Portugal enquanto país periférico na Europa?**

Portugal só é um país periférico na Europa, no Atlântico é central e pode ser uma porta de entrada para países terceiros que queiram fazer trocas comerciais com os mercados da União Europeia. Em contrapartida, os outros sete estados-membros da CPLP podem ser um trampolim das empresas portuguesas para mercados regionais adjacentes – na América Latina, em África ou na Ásia. Falamos de reciprocidade e de relações baseadas em vantagens mútuas, negociadas com uma língua comum.

- **Portugal parece ter dificuldades em atrair mais IDE e em ter uma balança comercial com saldo positivo. Como pode Portugal projectar-se internacionalmente?**

Na sua relação com o exterior, Portugal é submisso e mostra-se pouco competitivo, o que não promove a credibilidade internacional, o coloca mais vulnerável a ataques especulativos e a acordos desfavoráveis, assim atrai menos turismo e capital estrutural, exporta menos. No xadrez internacional, admiram-se os fortes, não os fracos.

Um dos objectivos estratégicos nacionais deve ser ter empresas mais competitivas e internacionalizadas, mais e melhor diplomacia económica. Não compete ao Estado fazer o papel das empresas, mas ajudá-las no seu caminho. Nesse sentido, o modelo de diplomacia económica não pode estar sempre a mudar estruturalmente (ora fusão ora divisão de institutos, sob a tutela de diferentes ministérios, várias cabeças a decidir, etc.) até para ser eficiente ao nível dos resultados.

- **Que futuro para além da crise consegue vislumbrar? Que caminhos ou soluções aponta para Portugal?**

Já indiquei várias. No fundo, o futuro está na mão dos portugueses. A mentalidade tem de mudar para melhor. Vivemos uma crise, mas esta até pode ser a nossa salvação, se transformarmos as desvantagens em oportunidades, se reformarmos o sistema que nos garanta um futuro melhor.

Receitas básicas para o país: investigação e desenvolvimento (e mais patentes), perseverança, união nacional e brio. Exportar para mercados complementares, não apenas para os comunitários. A população deve importar menos, consumir mais produção nacional. Promover o turismo internacional, sobretudo o de “luxo” e “sénior”. E atrair mais investimento directo estrangeiro, desde que não ponha em causa “centros de decisão” (privatizações ao desbarato apenas resolvem problemas conjunturais, no longo prazo o Estado apenas fica com menos património e o país mais dependente do exterior).

- **Nesses caminhos que aponta, que ligação poderemos imaginar em matéria de pobreza e exclusão social?**

O modelo social está em risco, porque não há crescimento económico e o PIB é relativamente baixo, pelo que há menos riqueza para distribuir, com implicações ao nível das reformas, dos subsídios de férias e de Natal, subsídios de desemprego, abonos e outras prestações sociais. Haverá tanto mais pobreza e exclusão social quanto mais os anos Portugal registar recessão económica.